

A background collage of various historical figures, including men and women with different hairstyles and clothing, rendered in a faded, sketch-like style. The figures are arranged in a way that they appear to be looking towards the viewer, with some more prominent than others.

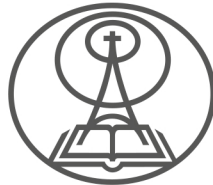
MICHAEL KOTSCH

*Cristãos
que marcaram
a História*

A VIDA E A ATUAÇÃO DE 25 GRANDES
PERSONAGENS DA HISTÓRIA DA
IGREJA



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

MICHAEL KOTSCH

*Cristãos
que marcaram
a História*

A VIDA E A ATUAÇÃO DE 25 GRANDES
PERSONAGENS DA HISTÓRIA DA
IGREJA

Tradução Doris Körber

1ª Edição 2023



chamada

Kotsch, Michael, *Helden des Glaubens* – 25 Lebensbilder aus
Band 1: Kap. 1, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 14, 17, 22, 23, 27, 28, 29, 33 und
Band 2: Kap. 1, 2, 6, 9, 11, 12, 18, 20, 21, 22 (aus der Reihe "Helden des Glaubens")
Copyright © Christliche Verlagsgesellschaft mbH, Dillenburg

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2023 por Chamada

1ª Edição – Setembro/2023

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora,
salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Doris Körber*

Revisão: *Débora Steiger*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da
Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Usado com permissão. www.sbb.org.br

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

K87 Kotsch, Michael.
Cristãos que marcaram a história : a vida e a atuação de 25 grandes personagens da
história da igreja / Michael Kotsch ; tradução Doris Körber. – 1. ed. – Porto Alegre :
Chamada, 2023.
480 p. : il. ; 22 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-89505-32-7

1. Cristãos - Biografia. 2. Cristianismo - História. 3. Vida cristã - Histórias de vida.
4. Biografia cristã. I. Körber, Doris. II. Título.

CDD23: 922.4

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução.....	9
Ireneu de Lião (135-202).....	11
Tertuliano (150-220).....	26
Jerônimo (347-420).....	41
João Crisóstomo (349-407).....	48
Agostinho de Hipona (354-430).....	68
Cirilo e Metódio (827-869; 815-885).....	83
Anselmo de Cantuária (1033-1109).....	101
Francisco de Assis (1181-1226).....	111
Martinho Lutero (1483-1546).....	124
Ulrico Zuínglio (1484-1531).....	148
João Calvino (1509-1564).....	159
Blaise Pascal (1623-1662).....	188
Johann Sebastian Bach (1685-1750).....	208
John Wesley (1703-1791).....	237
Marie Durand (1711-1776).....	252
Amalie Sieveking (1794-1859).....	272
John Nelson Darby (1800-1882).....	287
Hudson Taylor (1832-1905).....	303
Charles Haddon Spurgeon (1834-1892).....	331
Dwight L. Moody (1837-1899).....	344
Amy Carmichael (1867-1951).....	352
Toyohiko Kagawa (1888-1960).....	364
Clive Staples Lewis (1898-1963).....	394

Gladys May Aylward (1902-1970)	423
Billy Graham (1918-2018).....	452
Bibliografia.....	469

Prefácio

Consciente ou inconscientemente, cada pessoa é parte da grande história de Deus com a humanidade. História não precisa ser formada por dados, fatos e nomes áridos, mas pode ser entendida como componente vivo da própria vida.

Em última análise, também a história da igreja consiste em experiências concretas de muitos indivíduos que confiaram em Deus e viveram com ele. Alguns desses homens e mulheres ficaram em nossa memória até hoje. A vida deles pode nos inspirar, motivar e levar à reflexão.

Cristãos que marcaram a história – sem dúvida, este é um título desafiador. Muitos vão se perguntar se isso sequer existe, se essa formulação não aponta orgulho ou acaba negligenciando o agir soberano de Deus. Naturalmente precisa estar claro que, no fim da contas, é Deus quem escreve a história de sua igreja. Para isso, ele repetidamente recorreu a indivíduos, como por exemplo já nos relatos bíblicos sobre o povo de Israel. Este livro tratará de pessoas marcantes e pioneiras dos últimos dois mil anos.

Com certeza, alguns leitores desejarão, com razão, encontrar um retrato deste ou daquele importante “herói da fé”. É claro que esse tipo de seleção sempre será subjetivo. A perspectiva do passado aplicada neste livro tende a ser evangélica. Tentei incluir cristãos de cada época da história da igreja, tanto homens quanto mulheres. Há biografias resumidas de teólogos, missionários, poetas, pensadores e músicos que realizaram algo de especial e foram marcantes para o cristianismo como um todo.

É claro que cada um dos “heróis” e “heroínas” retratados também tinha seus pontos fracos. Mas eles não ocupam o centro das atenções

nesses relatos. O foco recai sobre os aspectos exemplares ou desafiadores de suas vidas. Ainda assim, ocasionalmente há uma ou outra abordagem rápida de pontos problemáticos em seu pensamento e atitudes, sem, no entanto, debatê-los em profundidade. Talvez também seja justamente uma marca dos verdadeiros “heróis da fé” o fato de não serem pessoas perfeitas, pois Deus em geral usa indivíduos falhos, fazendo isso tanto nas épocas bíblicas quanto na história da igreja. Assim, Davi é chamado de “homem segundo o meu coração [de Deus]” (At 13.22), embora não tenha faltado praticamente nenhum pecado em sua carreira, de mentira e roubo a adultério e assassinato. Da mesma forma, também acontece que nem todos os aspectos das pessoas aqui apresentadas sejam exemplares ou bíblicamente corretos. Ainda assim, apesar de sua vida e ideias limitadas, essas pessoas deixaram marcas positivas.

Este volume pretende trazer informações confiáveis e desafios espirituais, mas também entretenimento. Quem se interessar por algum “herói da fé” por causa dessas minibiografias, encontrará na internet, sem grande esforço, referências a respeito de biografias mais detalhadas.

Na medida do possível, abrimos mão de referências bibliográficas e termos técnicos da teologia, para deixar o livro acessível ao maior público possível. Também não iluminamos todas as nuances da pessoa apresentada nem analisamos todas as discussões correntes da pesquisa histórica.

As citações que aparecem em cada um dos capítulos normalmente são da pessoa ali retratada. Em alguns casos, adaptamos ortografia e expressões à linguagem atual, sem alterar a essência do conteúdo.

Essas minibiografias são boas para se obter um panorama da vida de cristãos engajados. Em termos de extensão, cada capítulo oferece material suficiente para ser usado em pequenos grupos, em reuniões de mulheres ou crianças. Oferecem informações de forma rápida e às vezes despertam curiosidade por mais detalhes.

PREFÁCIO

Ao fim de cada minibiografia, formulamos algumas teses destinadas a servirem como tópicos para reflexão. Elas derivam da vida e do pensamento da pessoa apresentada. Não se trata aqui de ensaios teologicamente conclusivos, mas da tentativa de levar alguns aspectos espirituais que eram importantes para os retratados a frutificar na situação do leitor contemporâneo.

Agora quero lhe desejar muita alegria e proveito pessoal ao mergulhar na emocionante vida de homens e mulheres cristãos dos últimos vinte séculos.

Michael Kotsch

Introdução

A história da igreja abrange dois mil anos do trato de Deus com pessoas. Ao estudar esse período, aprendemos a conhecer melhor a Deus, além de ver como ele molda a história, avançando passo a passo em direção ao seu objetivo com o mundo e intervindo na vida de indivíduos.

Com a ajuda da história da igreja, aprendemos a discernir entre o que é verdadeiramente indispensável para a fé cristã e aquilo que é influência cultural e histórica, isto é, associado ao tempo e ao lugar. Aprendemos a diferenciar entre o essencial e o secundário.

“Por que há tantas igrejas?” “Por que os cristãos queimaram bruxas e realizaram cruzadas?” “O que Lutero realmente queria?” Os cristãos são frequentemente confrontados nas igrejas e nas ruas com essas perguntas ou outras parecidas. A história da igreja busca responder a elas, oferecendo assim orientação e auxílio em conversas sobre esses temas.

Podemos aprender, por exemplo, com os princípios missionários cristãos do início da Idade Média e dos séculos XVIII e XIX. Também a compreensão reformadora de Lutero sobre a justificação do pecado é importante para os nossos dias, assim como a ênfase de Calvino na ética, a evangelização de Wesley, o serviço diaconal de Fliedner etc. Dessa forma, a história da igreja pode servir de incentivo para nossas próprias atividades.

A vida dos cristãos do passado pode e deve servir de exemplo. Somos desafiados a imitar sua disposição em obedecer a Deus, sua humildade para aceitar correção, sua dedicação e sua perseverança. Exemplos negativos podem nos alertar a não buscar poder ou fama

para nós mesmos, a evitar o excesso de compromissos ou resolver conflitos pela força.

Quando vemos como Deus interveio na história ao longo dos séculos, como conduziu e protegeu cristãos, transformou situações aparentemente insolúveis, renovou ânimos e conservou o mundo a despeito de tudo o que o ameaça, isso fortalece nossa confiança no poder, no amor e na fidelidade divinos. Deus é o mesmo ontem e hoje; assim como interferiu com ajuda e consolo há séculos, ele continua fazendo até hoje.

Quando observamos como viveram os cristãos de outras épocas e culturas, somos obrigados a reconhecer que há diferentes possibilidades de viver como um cristão sério. Isso nos oferece um distanciamento positivo de nossa própria tradição e modo de vida, de nossas roupas, músicas, formas de celebrar culto, dividir o dia ou passar as horas de descanso. De uma hora para outra, a multiplicidade das formas de expressão possíveis para uma vida cristã consistente fica muito mais nítida. Quando percebemos que nem todas as nossas convicções e procedimentos relacionados aos cristãos são os únicos possíveis, fica mais fácil aceitar as diferenças em outras pessoas e receber correção nas questões que estão impregnadas por nosso momento e cultura, das quais pensávamos até então que seriam indispensáveis à fé.

Ireneu de Lião

(135-202)

COMBATENDO GNOSE E ESOTERISMO COM A BÍBLIA

Nem sempre todas as pessoas que se apresentam como cristãs são unânimes sobre os fundamentos de sua fé. Alguns grupos apontam para revelações especiais ou profetas, outros adaptam o ensino de Jesus às suas próprias ideias ou ao espírito de sua época. Assim, nem sempre é fácil mostrar de forma compreensível o que pode ser considerado cristão e o que não pode. No século II, o Novo Testamento cristalizou-se de forma especial como autoridade máxima e inquestionável para a teologia e a vida da igreja.

De Esmirna a Lugduno

Ireneu (“pacificador”, em grego) cresceu em uma família cristã nas proximidades de Esmirna, na Ásia Menor (hoje: Ízmir, Turquia). Ele nasceu por volta do ano 135. Mais tarde, gostava de lembrar que já em sua juventude encontrara Policarpo (70-156), o famoso aluno dos apóstolos e líder (bispo) da igreja de fala grega em Esmirna. Aqui Ireneu recebeu forte influência teológica e começou a se engajar em favor da fé cristã. Ainda rapaz, atuou durante algum tempo como retor em Roma. Nessa função, Ireneu precisava servir seus empregadores fazendo discursos públicos sobre filosofia, política ou religião. Muitas vezes, eram simplesmente falas festivas em algum tipo de celebração pessoal ou oficial.

No ano 177, Ireneu encontrou então sua futura missão de vida. A já muito antiga igreja de Lugduno (hoje: Lião, França) era dirigida por Potino (87-177), homem que também vinha da Ásia Menor e que, quando jovem, tinha conhecido o discípulo João. Boatos e fal-

sas acusações estavam deteriorando a opinião pública a respeito dos cristãos. Foram proibidos de entrar em sua igreja, de ir ao fórum (mercado) e às termas (locais de esporte e banho). Nas ruas, eram importunados e agredidos. Por fim, o procurador romano decidiu levar os cristãos a juízo. Cerca de cinquenta fiéis foram então levados à arena da cidade, o *Amphithéâtre des Trois Gaules*, e jogados às feras. Potino e outros membros de sua igreja já tinham morrido antes em consequência das torturas a que foram submetidos na prisão (177). Depois desses ataques maciços, a opinião pública acalmou-se, e os cristãos de Lião começaram a procurar um novo pastor. Decidiram chamar Ireneu, que aceitou o convite porque o reconheceu como chamado de Deus.



Ireneu

Naquela época, Lião era a capital da província romana da Gália. Ali ficava o centro político e econômico de toda a região. Cerca de duzentos mil habitantes moravam nessa antiga metrópole. A cidade era considerada rica, de forma que, além das modestas casas de aluguel, também havia muitos palácios, ruas comerciais pavimentadas com mármore, teatros generosos, casas de banho (termas) e outras construções públicas. Os empregos estavam na indústria metalúrgica, na produção de vidro e cerâmica, no tingimento de tecidos e no comércio de têxteis. As conexões econômicas estendiam-se da Bretanha até o Danúbio e a Itália.

Diversidade cultural entre os cristãos de Lião

Na cidade também viviam numerosos gregos da Ásia Menor, de forma que Ireneu encontrou um ambiente cultural familiar quando se mudou para lá. Na Lião daquela época, falava-se grego com a mesma naturalidade com que se usava o latim e o celta. Como se pode deprender dos nomes dos cristãos historicamente conhecidos, boa parte da igreja de Lião era originária da Ásia Menor e da Síria. Haviam se mudado para a Gália por motivos econômicos e políticos, e agora formavam uma minoria culturalmente estranha em um ambiente majoritariamente celta e pagão. Como em muitos outros lugares, também aqui um grande liberalismo e a mobilidade no império romano contribuíram para a rápida disseminação da fé cristã. Sobre isso, Ireneu escreveu: “O mundo tem paz por causa dos romanos. E nós cristãos viajamos sem medo pelas estradas e atravessamos os mares para onde quisermos”.



Anfiteatro romano em Lião

Além de cuidar de sua igreja, de fala majoritariamente grega, Ireneu também se engajou na missão entre os celtas. Esforçou-se para explicar-lhes a fé cristã na língua materna deles. Embora até então ainda não houvesse uma tradução da Bíblia para o idioma celta, suas

pregações atraíram interesse, e alguns gauleses nativos se juntaram à igreja cristã de Lião.

Pacificador de destaque

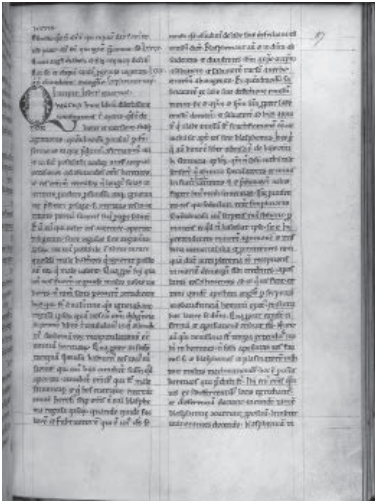
Nos 25 anos seguintes, até sua morte¹, Ireneu dedicou-se não apenas à sua igreja local, mas também em toda a região, no que dizia respeito às importantes questões teológicas de sua época. Entre outros, negociou com o papa Eleutério (m. 189), líder da renomada igreja de Roma, sobre a forma correta de lidar com os *montanistas*. Esta facção cristã dava valor especial a uma ética rigorosa, à profecia e a uma escatologia especulativa. Acusavam os demais cristãos de superficialidade e falta de espiritualidade. Ireneu advogou em prol da tolerância e da tentativa de conquistá-los de volta.

Também na discussão posterior em torno da datação correta da Páscoa na igreja, Ireneu esforçou-se por uma solução pacífica. Tradicionalmente, as igrejas da Ásia Menor, às quais Ireneu se sentia ligado, festejavam a Páscoa no 14º dia do mês judaico nisã (no *Pessach*). O papa Vítor I (m. 199) dava preferência a outro método de contagem e, com isso, a uma data da Páscoa após o *Pessach*. Ele queria usar seu poder como líder de uma das maiores igrejas do cristianismo daquela época para impor o seu ponto de vista. Chegou até mesmo a ameaçar os cristãos da Ásia Menor de excomunhão, alegando serem hereges. Ireneu dedicou-se, com sucesso, a evitar a escalção desse conflito. Embora não conseguisse com isso chegar a um cálculo para a data aceito por todos, obteve ao menos provisoriamente uma aceitação mútua. As discussões em torno do cálculo correto para a data da Páscoa cristã ainda continuaram ocupando os teólogos durante vários séculos.

1 Gregório de Tours diz que Ireneu morreu como mártir em 202, sob o imperador romano Lúcio Septímio Severo (145-211). Ele foi então sepultado na cripta da Igreja de São João em Lião, que mais tarde foi renomeada como Igreja de Santo Ireneu.

Luta contra a gnose

No século II, as igrejas cristãs se viram ameaçadas não apenas externamente, pela perseguição por parte do Estado romano, mas também internamente pela gnose. Essa religião de cunho esotérico adotava termos e histórias bíblicas e então as ressignificava de acordo com sua própria cosmovisão. Os gnósticos alegavam não querer afastar os cristãos da fé. Em vez disso, diziam poder chegar a um nível de vida espiritual mais elevado. Os cristãos comuns só teriam dado os primeiros passos na fé, afirmavam os mestres gnósticos. Quem quisesse mais, elevando-se até finalmente se unir a Deus, precisaria dar atenção aos seus conhecimentos.



Contra as Heresias

Em sua principal obra, *Adversus Haereses* [Contra heresias]², Ireneu analisa detalhadamente a gnose de sua época. No começo do quinto e último volume de sua defesa, ele resume mais uma vez seu propósito e seu método de trabalho: “Nos quatro volumes anteriores, citamos todos os hereges e apresentamos seus ensinamentos. Refutamos aqueles que inventaram tais ensinamentos ímpios com argumentos e provas extraídas em parte de sua própria doutrina, conforme registrada em seus escritos,

em parte do bom senso. Apresentamos a verdade e explicamos o ensino da igreja, que, embora já anunciado pelos profetas, só foi consumado [...] por Cristo. Os apóstolos os transmitiram, e deles a igreja os recebeu, guardando-os fielmente [...] e passando-os a seus filhos.

2 Título completo do livro originalmente escrito em grego por Ireneu: *Denúncia e refutação do falsamente assim chamado conhecimento (gnose)*.

Assim resolvemos todas as questões que nos foram apresentadas pelos hereges, esclarecemos o ensino dos apóstolos e explicamos muito do que o Senhor ensinou por meio de parábolas”.

A *gnose* (gr. “conhecimento”) era uma religião de revelações e salvação surgida no Império Romano mais ou menos na mesma época que a fé cristã. Os gnósticos adotaram expressões e histórias de outras religiões para interpretá-las de dentro para fora. Dessa forma, havia uma gnose judaica, outra cristã, mas também uma grega. O conceito básico comum a todos os gnósticos era *dualista*.³ Por um lado, havia um Deus puramente espiritual, sábio e imaterial. Por outro, em total oposição, o criador mau, amarrado à matéria (o chamado *demiurgo*). De acordo com as ideias gnósticas, há muito tempo pequenas *fagulhas* da substância divina (alma) teriam descido do *reino de luz* superior para o mundo tenebroso, inferior (*emanação*). Aqui estariam sendo mantidas cativas pelos poderes destrutivos do demiurgo.

Segundo a concepção gnóstica, o mundo em que a humanidade aparentemente vive é tolo, temporário e cheio de sofrimento. Só mediante a aceitação do conhecimento salvador (a *gnose*) a alma espiritual poderia ser libertada do corpo material, unindo-se novamente à *iluminação*, ao Deus puramente espiritual. Esse processo seria acompanhado de uma prolongada batalha contra espíritos cósmicos (*arcontes*). A alma precisaria se libertar da prisão material do mundo e encontrar o caminho de volta à plenitude anterior à criação (*pleroma*).

Os gnósticos “cristãos”

Na medida em que absorveram elementos bíblicos, os gnósticos identificaram o Deus Criador do Antigo Testamento com o demiurgo mau, pois este era, afinal, o responsável pela matéria. O mais

3 Por *dualismo* (lat. *duo*, “dois”, ou *dualis*, “duplo”, e o sufixo *ismus*) entende-se um ensino que adota dois princípios básicos de existência, que sejam complementares ou opostos.

elevado dos arcontes destrutivos é descrito como ignorante e arrogante. Ele afirma: “Não há Deus além de mim”. De acordo com a mitologia gnóstica, ele teria pecado contra o Deus mais sublime e sábio do universo, e por isso é chamado de *Samael* (deus dos cegos). Jesus Cristo teria sido o representante puramente espiritual do Deus de luz cósmico. É óbvio que ele jamais teria possuído um corpo material (*docetismo*). Em ensinamentos secretos, ele teria transmitido aos seus discípulos o conhecimento necessário para o retorno da alma ao reino de luz (a *gnose*).

Os ensinamentos cristãos sobre o pecado e a morte vicária de Jesus deveriam ser entendidos apenas do ponto de vista espiritual. Somente um conhecimento preciso a respeito da batalha cósmica entre luz e escuridão, entre espírito e matéria bastaria para deixar a prisão terrena do corpo e voltar a ser pura luz, Deus. Então a fagulha espiritual se tornaria imortal e onipotente como o próprio Deus altíssimo, alegavam os gnósticos. Pela interpretação gnóstica, as histórias e relatos de milagres da Bíblia são apenas comunicados codificados sobre a luta cósmica em andamento, da qual as pessoas poderiam participar se possuíssem clareza sobre as *verdadeiras* circunstâncias na terra e no universo.

Na vida diária, alguns gnósticos eram rigorosamente ascéticos, outros desfrutavam desenfreadamente de todos os prazeres. Uma vez que todo o mundo terreno – e com isso também o corpo humano – eram desimportantes para o desenvolvimento espiritual, determinados gnósticos não queriam fazer nada que trouxesse bênção ou prazer para esse invólucro material. Diziam que isso seria um total desperdício de tempo e forças. Outros gnósticos, partindo do mesmo conceito básico, concluíam, por outro lado, que era possível fazer o que se quisesse com o corpo, até mesmo o que outros julgassem *imoral*. No fim das contas, o corpo de qualquer forma desapareceria com o restante do mundo material. Sendo assim, comportamentos alegadamente imorais também não teriam influência sobre o desen-

volvimento do espírito. Por isso, era possível entregar-se sem reservas a comida, bebida, sexo e embriaguez (libertinagem). Ainda que não favorecesse a evolução espiritual, isso também não a atrapalharia.

Naquela época, os representantes mais conhecidos do gnosticismo de coloração cristã eram o egípcio Basílides (85-145), seu discípulo Valentim (100-160) e Marciano (85-160), este último fundador de sua própria “contraigreja”. Em seus escritos, Ireneu refutou os seguidores e ensinamentos desses homens. Para tanto, concentrou-se em especial nos entendimentos divergentes a respeito de Deus, do ser humano, da salvação, da história e da exegese correta da Escritura Sagrada.

Apenas uma fonte de verdade espiritual: a Bíblia

Para Ireneu, o ponto de partida de qualquer argumentação era sempre a revelação inquestionável de Deus na Bíblia. Para ele, o falso ensino gnóstico (*heresia*) era cego, ingênuo e fraudulento, porque se opunha muito nitidamente às declarações inequívocas de Deus. Segundo Ireneu, somente a Bíblia poderia ser o fundamento para qualquer conhecimento cristão. Como os gnósticos distorciam ou ignoravam completamente afirmações claras da Sagrada Escritura, eles estavam necessariamente errados e assim não deveriam mais se descrever como *cristãos*. Ireneu diz que sem a Bíblia, em que Deus se comunica pessoalmente, jamais será possível obter conhecimentos confiáveis a respeito de Deus e outros aspectos espirituais da realidade. “Temos sua palavra como regra da verdade.”

Já em sua época, em meados do século II, Ireneu partia de um cânon fixo e amplamente aceito do Novo Testamento. “Naquela época, os apóstolos pregaram primeiro o evangelho, mas depois, pela vontade de Deus, transmitiram-nos a Escritura Sagrada, para que se tornasse fundamento e coluna da nossa fé.” Só nesses escritos autorizados por Deus e por ele transmitidos de forma literal (*inspiração*) os cristãos encontram a verdade completa para todos os seus conhecimentos e ensinamentos espirituais. Esse também é o único critério para

avaliar os conceitos gnósticos. Contudo, a exegese correta da Bíblia só acontece em harmonia com a igreja cristã, com a maioria dentre os fiéis de vida exemplar. “Onde estiver a igreja, lá também estará o Espírito de Deus.”

Combatendo gnose e esoterismo com a Bíblia

De acordo com Ireneu, qualquer doutrina gnóstica pode ser refutada mediante uma comparação com afirmações bíblicas inequívocas. Ao contrário do que dizem as especulações gnósticas, a Bíblia fala apenas de um único Deus, e não de dois que concorrem entre si (*du-alismo*): “Para nós, porém, há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas...” (1Co 8.6). E: “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.5).

Na Bíblia também não há oposição entre o Criador do mundo e o Salvador. Jesus Cristo diz: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). E: “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele” (1Jo 4.9).

Jesus Cristo não tinha só um corpo espiritual visível, como afirmam os escritos gnósticos, mas um corpo terreno e material: “E o Verbo [Jesus Cristo] se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). E: “Nisto vocês reconhecem o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa isso a respeito de Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo...” (1Jo 4.2-3). Contrariamente aos gnósticos, Ireneu considerava necessário que Deus realmente tivesse se tornado homem material, em vez de apenas pairar sobre a terra como espírito. Isso não foi um acidente, mas expressão do amor de Deus por suas criaturas. “O Deus inefável, incompreensível tornou-se visível, compreensível e palpável

justamente para o ser humano, para lhe dar vida quando o aceitarem e virem pela fé.”

Ireneu estava firmemente convencido de que os gnósticos se reportavam de forma totalmente errada a um conhecimento divino mais elevado (*gnose*). Por isso, ele menciona a “falsamente assim chamada gnose (conhecimento)” em um total de 15 passagens de seu livro. Com essa formulação, Ireneu se refere a um alerta do apóstolo Paulo ao seu colaborador próximo Timóteo – “guarde o que lhe foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos e as contradições daquilo que falsamente chamam de ‘conhecimento’” (1Tm 6.20). Uma vez que o conhecimento espiritual legítimo só pode vir do próprio Deus, que se comunica aos homens pela Bíblia, os gnósticos obrigatoriamente estão errados. Não apenas pelo fato de que nenhuma de suas convicções pode ser encontrada na Bíblia, mas também porque obviamente a contradizem. Para Ireneu, o verdadeiro conhecimento espiritual (*gnose*) só pode ser formulado em concordância plena com a Bíblia e o ensino transmitido na igreja.

Resumo compulsório da fé cristã

Outro instrumento na luta contra a heresia gnóstica é, para Ireneu, o *Credo Apostólico*, que remonta aos discípulos de Jesus. Ele formula as diretrizes fundamentais da fé cristã de forma compreensível para cada membro da igreja. Não se pode chamar de cristão convertido quem não concordar plena e totalmente com este credo.

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra.

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo. Nasceu da virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressuscitou dos mortos ao terceiro dia; subiu aos céus; está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo, na santa igreja cristã [ou: universal], na comunhão dos santos, na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

Em contraste com o *Credo Apostólico*, os gnósticos não viam o Criador deste mundo como o Deus Todo-Poderoso. Também rejeitavam a ideia de que Jesus Cristo teria sido totalmente homem, nascido de uma mulher real. É claro que, sendo assim, o ensino gnóstico também não acreditava que ele pudesse morrer. Os gnósticos achavam que a salvação podia ser adquirida apenas mediante o seu conhecimento especulativo, sem recorrer a Jesus. Também rejeitavam a ressurreição dos mortos, porque queriam absoluta distância do corpo humano e da morte.

Corrente de tradição segura até Jesus Cristo

Além disso, Ireneu buscou proteger a igreja contra heresias perigosas por meio do ensino da *sucessão apostólica*. Ele partia do princípio de que cada pastor era moldado e autenticado especialmente por seus mestres espirituais. A maioria dos estudantes de professores renomados costuma defender, ao menos basicamente, as mesmas convicções que seus mestres. É claro que isso valia ainda mais para quem tivesse passado muito tempo trabalhando ao lado de seus exemplos, como era o caso dos discípulos de Jesus e seus alunos. Também se pode presumir que um líder de igreja confiável só instituiria como seu sucessor um cristão cuja posição fosse firme, e não um sectário qualquer. Assim, se conhecermos os professores de um pastor, normalmente é possível, a partir disso, tirar conclusões a respeito de sua confiabilidade.

Ao longo da história, surgiu assim uma verdadeira *árvore genealógica* da tradição espiritualmente correta: Jesus instituiu um discípulo como líder confiável, por exemplo Paulo. Este, por sua vez, formou

outro sucessor confiável, por exemplo Timóteo; etc. etc. – até os dias de hoje.

Chamava-se de *episcopado monárquico* a origem espiritual em comum de todo ancião ou bispo (gr. *episkopos*) cristão no chamado de seu predecessor espiritual por Jesus Cristo. Mais tarde, essa ideia levou ao surgimento da *ordenação* de líderes responsáveis na igreja. Assim, alguém só poderia executar seu cargo eclesiástico depois de ter sido ordenado para tanto por seu superior. Quem realizasse essa cerimônia também precisava ter passado por essa legitimação pelas mãos de um pastor já consagrado. Com essa *hierarquia espiritual*, Ireneu queria impedir que falsos mestres, estranhos e não provados, entrassem na igreja cristã.

Ireneu como exegeta

O Novo Testamento compilado por Ireneu continha 21 dos atuais 27 escritos aceitos. Ele defendia a confiabilidade absoluta dos textos neotestamentários contra qualquer ataque ou questionamento externo. Estava convicto de que os evangelhos remontavam a discípulos de Jesus (Mateus, João) ou a companheiros de Paulo (Marcos, Lucas). Ireneu não tinha muita segurança em relação à classificação de escritos de cuja autoria não tivesse certeza ou cuja teologia, em sua opinião, parecia não combinar com os ensinamentos de Jesus (Hebreus, Tiago, 2Pedro, Filemom, 3João, Judas). Ireneu faz cerca de mil citações dos escritos neotestamentários em suas próprias obras, em especial quando se tratava de reportar-se a uma autoridade superior.

Para além de seus debates teológicos com as heresias pseudocristãs, Ireneu destacou alguns aspectos de forma especial em seus comentários bíblicos:

1. Repetidamente, Ireneu enfatizou o significado de Jesus como o segundo Adão. Assim como a desobediência do primeiro homem permitiu que o pecado estabelecesse seu domínio, seu efeito mortal foi neutralizado por Jesus, o segundo Adão.

2. Ireneu atribuiu um papel todo especial a Maria, como segunda Eva. Assim como Eva era a *mãe de todos os seres humanos*, espiritualmente Maria poderia ser vista como a *origem de todos os cristãos*. Maria teria sido exemplarmente piedosa, obediente e casta durante toda a sua vida.
3. Em suas exposições sobre o final dos tempos (*escatologia*), Ireneu começou estabelecendo uma ligação estreita entre as declarações dos profetas judeus (Isaías, Ezequiel, Daniel) e os textos do Novo Testamento (discursos escatológicos de Jesus, cartas de Paulo, Apocalipse de João). Ele identificava o *anticristo* (também chamado de *homem da iniquidade* ou *pequeno chifre*) como um dominador mundial perigoso e antiofensivo. Em relação ao misterioso número 666, Ireneu também cedeu a algumas especulações relacionadas ao seu tempo. Antes do reino milenar, que ele entendia de modo literal, deveria haver um período de *tribulação* de sete anos, no meio do qual o anticristo se assentaria no recém-reconstruído templo de Jerusalém. Na segunda vinda de Jesus, seria de esperar a ressurreição de todos os cristãos já falecidos. Ireneu presumia que os seis dias da Criação seriam um modelo divino para seis mil anos de história da humanidade, a ser encerrada, a exemplo do dia do descanso no Antigo Testamento, com um milênio de domínio pacífico de Deus.

A verdade de Deus é mais que conhecimento humano

Ireneu de Lião é lembrado há tanto tempo por causa da formulação de métodos básicos para a proteção do ensino cristão original: (1) o cânon do Novo Testamento, inspirado e finalizado por Deus; (2) os pontos centrais da cosmovisão cristã resumidos no *Credo Apostólico*; (3) a instituição de líderes aprovados e confiáveis, que estavam alinhados com Jesus e os apóstolos. Ireneu usou esses princípios

especialmente contra as tentativas dos falsos mestres esotérico-gnósticos de reinterpretar a fé.

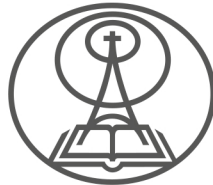
Na defesa da fé, o que Ireneu queria era não apostar primariamente na lógica humana e na filosofia. Ele tinha total consciência dos limites de seu próprio pensamento, especialmente no que diz respeito a Deus e ao mundo sobrenatural. Se já tem dificuldade para explicar satisfatoriamente os fenômenos terrenos, o ser humano precisa ser ainda mais reservado em suas declarações sobre o céu e a alma. Simplesmente lhe faltam os recursos para poder analisar Deus de forma objetiva. Do seu ponto de vista, é preciso ter humildade nessa área: “Se já aqui na terra, aos nossos pés, há à nossa volta tanta coisa que experimentamos e vemos, mas ainda assim não conseguimos entender, mas deixamos por conta de Deus, que certamente saberá mais que nós [...], não nos prejudicará aceitar que com a ajuda de Deus só conseguimos entender parcialmente as Sagradas Escrituras, com seu enorme conteúdo espiritual. Todo o resto, porém, precisamos deixar com ele, não apenas neste mundo, mas também no futuro, de forma que Deus sempre ensine e o ser humano sempre aprenda”.

Tópicos para reflexão

- ◆ Constantemente surgem diferenças e tradições divergentes também no cristianismo. Naturalmente, as questões específicas de cada conflito mudam de acordo com o lugar e a época, mas a forma de lidar com os conflitos é parecida. Uns apostam mais em confrontação, outros em comunicação. Uns consideram seu ponto de vista absoluto e imutável, outros às vezes se mostram dispostos a conviver com concessões. Ireneu era conhecido não apenas como um teólogo de posições claras, mas também como pacificador.
- ◆ Na concorrência entre as interpretações teológicas, Ireneu recorria à Bíblia como instância máxima. Quando se tratava de verdades espirituais, as conclusões racionais e lógicas ou os

conhecimentos científicos do momento ficavam em nível inferior. Também hoje é necessário definir um padrão pelo qual se pode decidir, de forma confiável, que declarações e ensinamentos podem ser considerados cristãos ou não.

- ◆ Em um mundo individualista, também as interpretações originais e extraordinárias da Bíblia recebem maior atenção. A visão tradicional da Escritura Sagrada e de determinados ensinamentos frequentemente é considerada obsoleta e ultrapassada. Para Ireneu, no entanto, justamente a compreensão bíblica da igreja cristã viva tinha um significado muito maior que a interpretação do indivíduo.
- ◆ Uma vez que a Bíblia descreve o além como o mundo verdadeiro e definitivo, alguns grupos cristãos do passado tenderam a uma rejeição completa de tudo o que é terreno: posses pessoais, arte, passatempo e sexualidade. Para Ireneu, no entanto, também este mundo dúbio e temporário tinha sua razão de ser e importância. Como criação e propriedade de Deus, ele não é desprezível nem menos importante. O próprio Deus entrou neste mundo material ao se tornar um homem fisicamente palpável. Ainda que o terreno tenha duração limitada, ele tem importância para Deus e para os cristãos.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

Deus é um Deus da história, como podemos ver nas centenas de capítulos e milhares de versículos da Bíblia que descrevem as ações de Deus neste mundo ao longo dos séculos. Com base nesse fato, *Cristãos que marcaram a história* acompanha a trajetória da igreja nos últimos dois mil anos.

O cristianismo foi moldado e promovido por muitas pessoas devotas, desde o passado até hoje. Entre elas estão teólogos, missionários, tradutores da Bíblia, exploradores, cientistas, músicos e também pessoas comuns. Este livro contém 25 biografias curtas que nos convidam a conhecer pessoas autênticas, a fim de sermos encorajados pelo que Deus fez na vida delas, inspirados a compreender melhor o presente e fortalecidos na fé dentro da nossa própria história de vida.

Pessoas abordadas nesta obra: Ireneu de Lião (135-202), Tertuliano (150-220), Jerônimo (347-420), João Crisóstomo (349-407), Agostinho de Hipona (354-430), Cirilo e Metódio (827-869; 815-885), Anselmo de Cantuária (1033-1109), Francisco de Assis (1181-1226), Martinho Lutero (1483-1546), Ulrico Zuínglio (1484-1531), João Calvino (1509-1564), Blaise Pascal (1623-1662), Johann Sebastian Bach (1685-1750), John Wesley (1703-1791), Marie Durand (1711-1776), Amalie Sieveking (1794-1859), John Nelson Darby (1800-1882), Hudson Taylor (1832-1905), Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), Dwight L. Moody (1837-1899), Amy Carmichael (1867-1951), Toyohiko Kagawa (1888-1960), C. S. Lewis (1898-1963), Gladys May Aylward (1902-1970) e Billy Graham (1918-2018).



chamada.com.br